

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA NORMAL SUPERIOR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ANTONIA DE ANDRADE COSTA

**A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM:
CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA -TEA**

MANAUS - AM
2018

ANTONIA DE ANDRADE COSTA

**A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: CRIANÇA
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA -TEA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para
obtenção de graduação no curso de licenciatura em
pedagogia da Universidade do Estado do
Amazonas-UEA.

Orientadora: Ma. DANIELLE MARIAM A. SANTOS

**MANAUS - AM
2018**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

A553i Costa, Antonia Andrade

A Importância da família no processo de aprendizagem:
Criança com transtorno do Espectro Autista / Antonia Andrade
Costa. Manaus : [s.n], 2018.

39 f.: il.; 15 cm.

TCC - Graduação em Pedagogia - Licenciatura -
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2018. Inclui
bibliografia

Orientador: Danielle Mariam Araújo dos Santos

1. Família . 2. Autismo . 3. Inclusão. I. Danielle
Mariam Araújo dos Santos (Orient.). II. Universidade do
Estado do Amazonas. III. A Importância da família no
processo de aprendizagem: Criança com transtorno do
Espectro Autista

Elaborado por Jeane Macelino Galves - CRB-11/463

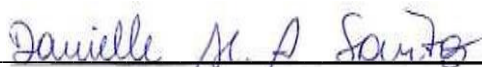
ANTONIA DE ANDRADE COSTA

**A importância da família no processo de aprendizagem:
Criança com transtorno do espectro autista- TEA**

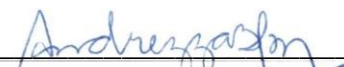
Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovação em: 10 de dezembro de 2018

Banca Examinadora:



Profa. MSc. Danielle Marian Araújo dos Santos
Orientador(a)



Profa. Dra. Andreaza Belota Lopez Machado
Membro da Banca

Profa. Dra. Iolanda Aida de Medeiros Campos
Membro da Banca

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus pelas oportunidades a mim oferecidas.

Em segundo agradeço à Profa. Danielle Mariam A. Santos, por toda paciência e dedicação, evidenciados através desse período de construção deste trabalho.

Em terceiro, as professoras envolvidas na coleta de dados, em especial a professora do AEE, pela boa vontade e colaboração.

Em quarto agradeço à todas as pessoas da minha família que sempre me incentivaram a ir até o final dessa caminhada.

Por fim, mas de maneira alguma menos especial, agradeço ao meu esposo, por sempre acreditar em meu potencial, por sonhar os mesmos sonhos que os meus e, sempre me estender as mãos nos momentos mais difíceis no período de construção deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho tem como tema “A importância da família no processo de aprendizagem: criança com transtorno do Espectro Autista- TEA”. Nesse sentido, tivemos como objetivo analisar a importância da família no processo de aprendizagem da criança com transtorno do espectro autista e como a escola contribui para essa aproximação, para tanto, buscou-se analisar a importância da parceria entre família e escola em prol de um ensino significativo. O transtorno do espectro autista por apresentar diversas dificuldades do desenvolvimento humano, necessita do trabalho comprometido de todos os profissionais envolvidos com a educação e principalmente da dedicação e empenho da família. O caminho metodológico traçado para concretização do trabalho baseou-se na pesquisa de campo com abordagem qualitativa, nos valem de observação participante e aplicação de questionário perguntas diretas. Os resultados sinalizam para a necessidade da participação da família no processo de aprendizagem da criança com TEA, assinalando a importância da família para uma aprendizagem significativa. A família do aluno com necessidades especiais é o principal responsável pelas ações do seu filho, visto que é ela quem lhe oferece à primeira formação. Desse modo, acredita-se que a participação da família em parceria com a escola irá contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos com necessidades especiais especificamente, do aluno com TEA. Foram muitas as mudanças ocorridas ao longo dos tempos, aumentando ainda mais as discussões acerca da Educação Inclusiva. A Educação Especial é um tema emergente que precisa ser discutido sempre. Surgiu para dá um atendimento para pessoas com necessidades especiais, ao longo da história da humanidade as pessoas com necessidades especiais eram discriminadas, isoladas, sacrificadas. O mundo caminha para a construção de uma sociedade mais inclusiva. Sinais desse processo de construção são visíveis com frequência crescente, por exemplo, nas escolas, na mídia, nas nossas vizinhanças, nos recursos da comunidade e nos programas e serviços. Os resultados ainda são pequenos, porém crescentes e animadores.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Especial- Educação Inclusiva- transtorno do espectro autista- autismo- família.

ABSTRACT

This paper has as its theme "The importance of the family in the learning process: child with Autism Spectrum Disorder - ASD". In this sense, we aimed to analyze the importance of the family in the learning process of children with autism spectrum disorder and how the school contributes to this approach, in which it discusses the importance of the partnership between family and school in favor of a significant teaching. Since Autism spectrum disorder presents several difficulties of human development, it requires the committed work of all the professionals involved with education and especially the dedication and commitment of the family. The methodological path traced for this research was based on a field research with a qualitative approach, we used participant observation and direct questionnaire application. The results indicate the need of family participation in the learning process of the child with ASD, noting the importance of the family for meaningful learning. The student's family with special needs is primarily responsible for their child's actions, since it is them who offer the first training of the child. Thus, it is believed that the participation of the family in partnership with the school will contribute to the development and learning of students with special needs specifically, students with ASD. There have been many changes that have taken place over time, further enhancing discussions about Inclusive Education. Special Education is an emerging theme that needs to be discussed at all times. It emerged to provide care for people with special needs, throughout the history of humanity people with special needs were discriminated, isolated, sacrificed. The world is moving toward building a more inclusive society. Signs of this construction process are increasingly visible, for example, in schools, the media, our neighborhoods, community resources, programs and services. The results are still small but growing and encouraging.

KEYWORDS: Special Education- Inclusive Education- autism spectrum disorder- autism- family.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 01 – Atividade pedagógica impressa_____	30
Figura 02 – Aluno Zeus brincando_____	31
Figura 03 – Montagem e colagem dos 3 (três) porquinhos_____	32
Figura 04 – Desenhos e figuras geométricas_____	32

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Identificação dos sujeitos participantes	27
Quadro 02 - Compreensão sobre o autismo?	28
Quadro 03 - As práticas de ensino dos professores voltadas para alunos com TEA na escola	29
Quadro 04 - A participação da família no processo de atividades do aluno com TEA	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. REFERENCIAL TEÓRICO	13
1.1 Educação especial / Educação inclusiva.....	13
1.2 Breve histórico de autismo.....	16
1.3 Definição do autismo - Conceito; diagnóstico; causas; sintomas e tratamento.	17
1.4 Relação escola e família	20
1.5 A escola no processo de inclusão do aluno autista	21
1.6 A família no processo de inclusão da criança com autismo	22
2. METODOLOGIA	24
2.1 O que é metodologia?.....	24
2.2 Abordagem	24
2.3 Universo da pesquisa	25
2.4 Instrumentos de coleta de dados	25
2.5 Levantamento bibliográfico	26
2.6 Levantamento documental.....	26
2.7 Entrevista	27
2.8 Observação direta	28
3. RESULTADOS	29
3.1. Compreensão dos professores sobre o transtorno do espectro autista ..	29
3.2. As práticas de ensino dos professores em relação aos alunos com tea na escola.....	30
3.3. A participação da família no processo de atividades do aluno com transtorno do espectro autista (TEA).....	34
3.4. A integração da família de alunos com tea na escola: desafios e possibilidades.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema “A importância da família no processo de aprendizagem da criança com transtorno do espectro autista- TEA”. O autismo é um transtorno de desenvolvimento que geralmente aparece nos três primeiros anos de vida e compromete as habilidades de comunicação e interação social

O professor é o principal responsável desta criança dentro da sala de aula, precisa tomar para si a responsabilidade deste aluno, colocar-se a caminho dessa construção que é o processo de inclusão. Para isto, o mesmo precisa buscar conhecimentos, aprimorar sua formação e buscar informações sobre a criança com autismo através de sua família para melhor desempenho em sua aprendizagem. Uma parceria com família para obter conhecimentos de como é a criança autista, quais são seus interesses, o que desagrada a criança, o que pode causar possíveis crises, com essas informações o professor terá muitos elementos que vão ajudar a trabalhar o dia a dia desta criança.

Partindo desta perspectiva, este trabalho se baseia na seguinte problemática: Como a família pode contribuir no aprendizado educacional da criança com transtorno do espectro autista, para que a matrícula desse aluno não se limite apenas em sua estadia dentro da sala de aula, e sim garanta a ele a participação das atividades da escola e convivência social, de modo a desconstruir processos inversos como, a exclusão e o preconceito?

Foi a partir dessas inquietações, que induziram pesquisar acerca da importância da família no processo de aprendizagem da criança com TEA. Uma vez que, há uma necessidade de inclusão e não de exclusão, onde essas crianças com TEA tenham uma aprendizagem significativa. Nesse sentido, tivemos como objetivo geral: analisar a importância da família no processo de aprendizagem da criança com TEA e como a escola contribui para esta aproximação. E como objetivos específicos: Analisar a participação da família no processo de atividades do aluno com transtorno do espectro autismo (TEA); identificar as formas de participação da família do aluno com TEA na escola; apresentar sugestões de atividades em que a família possa auxiliar no processo de aprendizagem dos alunos com TEA.

Conhecer a história da Educação Especial e os avanços para a Educação Inclusiva; histórico e definição do autismo; relação escola e família; a escola no

processo de inclusão do transtorno do espectro autista; a família no processo de inclusão do TEA. Autores como: SILVA - 2012, MAZZOTA - 2005, MENDES - 2006, MINAYO - 2009, dentre outros, articulam um diálogo para a tessitura deste trabalho.

O caminho metodológico baseou-se na pesquisa de campo com abordagem qualitativa, embalada por entrevista livre e observações participantes com diferentes sujeitos. (Professoras e Mãe de aluno).

Assim, no primeiro capítulo foi abordado um contexto histórico da educação especial e o surgimento da educação inclusiva, fazendo um resumo histórico de como vem evoluindo gradativamente.

No segundo capítulo foi apresentado a metodologia do trabalho, quanto aos meios do estudo bibliográfico inicialmente, posteriormente a pesquisa de campo para constatação dos dados obtidos, e quanto aos fins, a pesquisa de caráter descritivo, com abordagem qualitativa. Sendo a pesquisa realizada através do estudo de campo na qual teve o questionário como instrumento.

No terceiro capítulo foi reservado para análises de dados e resultado da pesquisa, no qual foram utilizados como instrumento de coletas de dados questões abertas, onde os envolvidos puderam responder de acordo com suas possibilidades e conhecimentos.

1. REFERÊNCIAL TEÓRICO

1.1 EDUCAÇÃO ESPECIAL / EDUCAÇÃO INCLUSIVA.

Para contextualizar a história da educação Especial no Brasil, precisamos entender um pouco sobre o tratamento destinados às pessoas com necessidades especiais, ou seja, se falamos hoje de Inclusão é porque durante muito tempo às pessoas que tinham alguma deficiência eram excluídas socialmente.

Apesar de não temos indícios dos primeiros grupos humanos na terra se comportavam diante das pessoas com necessidades especiais, a história nos mostra que nem sempre foram cordiais e sociáveis. Se por um lado em alguns países como no Egito e México, as pessoas com necessidades especiais eram consideradas intermediárias entre Deus e o homem e ocupavam lugar na sociedade, mas por outro lado em alguns países como na Grécia, Roma antiga e Brasil, as pessoas nascidas de forma “anormais” sofreram bastante com o abandono e extermínios.

Na Idade Média a concepção do homem como criatura divina, oriunda do cristianismo, às pessoas com necessidades especiais eram isoladas em instituições especializadas, asilos ou conventos, onde eram colhidas como pecadoras ou como consequência do pecado.

Frente a este contexto histórico e social, nos indagamos: como surgiu a Educação Especial? Ao realizar uma excursão histórica, podemos perceber que desde a antiguidade a Educação Especial foi sendo construída com muitas “lutas”. Segundo os estudos de MENDES, a história da Educação Especial no mundo surge no século XVI.

Com médicos e pedagogos que, desafiando os conceitos vigentes na época acreditaram nas possibilidades de indivíduos até então considerados ineducáveis. Centrados no aspecto pedagógico, numa sociedade em que a Educação formal era direitos de poucos, esses precursores desenvolveram seus trabalhos em bases tutoriais, sendo eles próprios os professores de seus pupilos. (MENDES, 2006, p.387).

Foi um processo muito lento o processo de Educação para pessoas com necessidades especiais em comparação com o progresso Educacional das demais pessoas. A Educação Especial apresentou uma ascensão na contemporaneidade com a luta pela igualdade social responsabilizando o Estado, a escola e a família pelo o dever de construir uma Educação para todos. No Brasil o contexto da Educação se

tornou um espelho à Europa e de outras partes do mundo com a luta de liberdade e igualdade para todos os indivíduos influenciou a democratização dos direitos dos cidadãos, mas apesar da constituição de 1824, garantir os direitos de todos a Educação, para às pessoas com deficiência a Educação, deixava a desejar, pois as pessoas com necessidades especiais eram acolhidas nas Santa Casas de misericórdia, asilos e outras instituições.

Somente em meados de 1853, que as experiências realizadas pelos médicos educadores da França se instauraram no Brasil. Essas experiências atreladas no poder imperial culminaram em criação de institutos, que apesar de serem mantidos pelo poder central, tiveram em suas constituições grandes influências. Além dos institutos expandiu no Brasil a criação de hospitais, associações e asilos. Podemos verificar que a Educação Especial no Brasil se dá a sensibilidade de pessoas envolvidas e que com muita luta conseguiram restritos apoio do governo.

Durante anos a Educação de pessoas com necessidades especial ocorreram em institutos especializados sem muita importância para o poder público, esquecidos e segregados. MAZZOTA (2005, p.26). Relata em seus escritos que, durante todo o século XIX, as iniciativas, tanto oficiais como particulares, voltadas para o atendimento das pessoas com deficiência, foram isoladas.

E em meados de 1975 às ações políticas internacionais intensifica as discussões de igualdade e direitos, principalmente frente aos índices de pessoas não alfabetizadas, questões como esta fizeram com que as autoridades internacionais, apoiadas pela Unesco, para discutir a universalização da educação com qualidade.

Na atualidade apesar da inclusão no ensino regular de pessoas com necessidades especiais, ainda é possível vivenciar a exclusão de alunos, pois a escola não tem a preocupação em democratizar de fato o Ensino, apesar de haver modificações de estrutura pedagógica, o processo ainda é lento.

Esses fatores tem uma urgência para restabelecimento de novas diretrizes no final do séc. XX. Assim, documentos foram pactuados em prol das pessoas com deficiências, tais como, a declarações dos direitos das pessoas com deficiência, a declaração de Salamanca, as quais influenciaram as políticas nacionais como a Leis de Diretrizes e Bases – LDB (96), inserindo nos documentos legais o princípio de igualdades e direitos de mudanças estruturais, assim, se inicia no Brasil o debate sobre inclusão.

Uma das mais importantes conferências foi a Conferência Mundial sobre necessidades Educativas Especiais, de 1994, em Salamanca, por ser a que de maneira mais decisiva e explicitamente contribuiu para impulsionar a Educação Inclusiva em todo o mundo.

A Declaração de Salamanca (1994) tem como marco e início da caminhada para Educação Inclusiva. A inclusão é um processo educacional do qual todos os alunos com necessidades especiais devem ser educados juntos com o apoio necessário, na idade adequada e em escola de ensino regular. Ainda estamos passando de um momento de desestrutura educacional, de compreender e reconstruir o papel das instituições especializadas.

Transformar a escola significa criar as condições para que todos participem do processo de construção do conhecimento independente de suas características particulares. A inclusão requer também mudanças significativas na gestão da escola, tornando-a mais democrática e participativa, compreendendo o espaço da escola como um verdadeiro campo de ações pedagógicas e sociais, no qual as pessoas compartilham projetos comuns. (FIGUEIREDO, 2010, p. 32)

O século XX, trouxe avanços importantes para pessoas com necessidades especiais. Se inicia uma política de Educação Especial, surgindo várias instituições e escolas especializadas na educação de pessoas com necessidades especiais intelectuais.

Na década de 80 começa o caráter de inclusão com art. 208, da constituição Brasileira que garante o atendimento preferencialmente na rede regular de ensino às pessoas com necessidades especiais.

Em 1994, é publicada a Política Nacional de Educação Especial, orientando o processo de “integração constitucional” que condiciona o acesso às classes comuns do Ensino regular. Em 1996, a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN, preconiza que os sistemas de Ensino devem assegurar aos alunos currículo, métodos, recursos e organização específicos para atender suas necessidades.

Em 2001, o Plano nacional de Educação - PNE, estabelece objetivos e metas para que os sistemas de Ensino favoreçam o atendimento as necessidades educacionais especiais dos alunos. Em 2007, é lançado o Plano de Desenvolvimento da Educação - PDE, tendo como eixo a formação dos professores para a educação especial, a implantação de salas de recursos multifuncionais, a acessibilidade

arquitetônica dos prédios escolares, acesso e a permanência das pessoas com necessidades especiais na educação superior e o monitoramento do acesso dos favorecidos pelo Benefício de Prestação Continuada - BPD.

Previsto pela política de educação especial na perspectiva da educação inclusiva (2008), o Atendimento Educacional Especializado - AEE, é um direito especializado ao atendimento ao público com necessidades especiais, devendo disponibilizar acesso aos recursos e serviços especializados que dinamizados por um professor especializado, enriqueçam as condições de desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes, em atendimento realizado no contraturno.

Historicamente podemos notar que o modelo Educacional voltado para pessoas com necessidades especiais, sofreu grandes mudanças ao longo das décadas. Mesmo assim, trata-se de um processo que está em constante construção até os dias atuais.

1.2 BREVE HISTÓRICO DE AUTISMO

A palavra autismo vem do Grego “autos” que significa “voltar-se para si mesmo”. O termo autismo foi utilizado pela primeira vez em 1911, por Bleuler, psiquiatra suíço, para designar a perda de contato com a realidade e consequente dificuldade ou impossibilidade de comunicação.

Em 1943, o médico austríaco Leo Kanner, que escreveu seu famoso artigo, “Distúrbio Autista do Contato Afetivo”, descrevendo casos de crianças com diagnóstico prévio de esquizofrenia, observou nelas a característica mais marcantes do autismo, a reclusão social. Tornou-se assim o primeiro a descrever clinicamente o Autismo, que passou a ser chamado de “Síndrome de Kanner” em sua homenagem.

Em 1944, Hans Asperger, também médico austríaco, escreve um artigo semelhante ao descritos por Kanner, mas ao contrário de Kenner, seu artigo Psicopatia Autista, levou muitos anos para ser amplamente lido. Quando seu trabalho foi reconhecido, na década de 80, uma forma mais branda de autismo foi batizada de “Síndrome de Asperger”.

A Síndrome de Asperger foi definida como uma síndrome e passou a ser mais estudada recentemente; inclui-se atualmente dentro do Espectro do transtorno do Autismo.

1.3 DEFINIÇÃO DO AUTISMO- Conceito; diagnóstico; causas; sintomas e tratamento.

A partir do último Manual de Saúde Mental - DSM-V, que é um guia de classificação diagnóstica, todos os distúrbios do autismo, incluindo Síndrome de Asperger, juntaram-se em um único diagnóstico chamado Transtorno do Espectro Autista – TEA. O TEA caracteriza-se por dificuldades social, além de interações de comportamento.

SILVA (2012, p. 41), salienta esta nova perspectiva sobre o autismo como sendo de fatores originadores e de desenvolvimento, respaldados nas neurociências cujo estudo tem demonstrado:

Que indivíduos com autismo apresentam ter dificuldades na área cognitiva de funções são um conjunto de processos neurológicos que permitem que a pessoa planeje coisas, inicie uma tarefa, controle-se para continuar na tarefa, tenha atenção e, finalmente resolva o problema.

As características do autismo variam desde as alterações no apetite da criança, prejuízos em relação à comunicação e interações sociais, movimentos repetitivos e involuntários, até habilidades como uma memória acima da média.

Conforme art. 8- do Conselho Municipal de Educação – CME (2011), as áreas de deficiências, de acordo com sua categoria específicas, estão assim definidas, conforme estabelece as legislações vigentes:

VII- Transtorno do Espectro Autista (TEA) - É considerada pessoa com TEA aquela portadora de síndrome clínica com as seguintes características: a) deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação da interação sociais, manifestada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento; (Resolução- Educação Especial).

b) padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos.

Contudo, existem diversos sintomas que podem indicar autismo e nem sempre a criança apresentará todos eles, o transtorno pode variar com o seu grau de intensidade, o qual pode variar de leve a grave.

Em todo tratamento, quanto antes iniciados, melhores são os resultados. Com o TEA não é diferente. “A importância de um diagnóstico precoce é fundamental para ajudar no desenvolvimento dessas pessoas. Quando antes souber, a ajuda é mais específica.

É preciso levar em conta que, geralmente, nos primeiros meses de vida, a criança não apresenta nenhuma anormalidade. Por isso, somente um profissional capacitado e atento às características do transtorno pode levantar a hipótese de autismo, fazendo o encaminhamento adequado para avaliação.

O diagnóstico é feito por um profissional com formação em Medicina e experiência clínica de vários anos diagnosticando essa síndrome. Não existem testes laboratoriais específicos para detecção do transtorno do TEA. O diagnóstico é feito através da observação dos comportamentos. Os critérios do diagnóstico oficial estão enumerados na quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de transtornos Mentais- DSM-V.

Existem algumas escalas aplicadas pelos profissionais em autismo que possibilitam a classificação do TEA. Por meio das descrições dos pais e cuidadores sobre o desenvolvimento e comportamento do autista e pela observação clínica é possível ter um diagnóstico mais preciso. Apesar de os testes serem úteis, são apenas técnicas complementares. Modelos de alguns testes encontrados no DSM-V:

ABC (Austin Behavior Checklist ou Lista de checagem de comportamento autístico) trata-se de um questionário com 57 itens, organizados em cinco áreas: sensorial, relacionamentos, uso do corpo e objetos, linguagem e habilidades sociais e autocuidado.

ADI-R (Austin Diagnostic Interview- Revised ou Entrevista diagnóstica para autismo- revisado). Composta por cinco seções com perguntas sobre comunicação, desenvolvimento social, o ato de brincar e comportamentos repetitivos, levando em conta a fase atual e atitudes do passado das crianças.

ADOS-G (Austin Diagnostic Observation Schedule-Generic ou Protocolo de observação diagnóstica do autismo- versão Genérica). É dividido em quatro sessões de 30 minutos. O especialista deve proporcionar situações de interação social, em que

surjam comportamentos espontâneos em contextos comuns, para que as prováveis respostas sejam enquadradas nos critérios de avaliação.

M-CHAT (Modified - Checklist for Autism in Toddlers ou lista de verificação para o autismo em crianças- modificada). Consiste em 23 questões com alternativas “sim/não” que devem ser preenchidas por pais de crianças entre 18 e 24 meses de idade. Pode ser aplicado sem o auxílio de médicos, e é encontrado em sites especializados em autismo.

PEP-R (Perfil Psicoeducacional- Revisado). É composto em duas escalas: uma que avalia o desenvolvimento e outra baseada em critérios de diagnóstico. Tem a função de identificar padrões de aprendizagem irregulares e de comportamentos peculiares em crianças de um a doze anos.

ASQ (Autism Screening Questionnaire ou Questionário de rastreio do autismo). Consiste em 40 questões retiradas da ADI-R, modificadas como propósito de se tornarem mais acessíveis aos pais. Possui uma versão para crianças menores de seis anos e outra para cima dessa idade. As perguntas são relativas à reciprocidade na interação social, à comunicação e aos padrões de comportamento como estereotípias e repetições.

Com causas ainda desconhecidas, o autismo tem intrigado muitos pesquisadores que andam em busca de encontrar o que leva um indivíduo a ser autista. Leo Kanner, o psiquiatra infantil a quem se atribui a identificação do autismo, foi bastante polêmico e equivocado, ao escrever em 1948, que os pais é que eram culpados por seus filhos serem autistas, pois não ofereciam a eles o amor e estímulos devidos, vindo assim desta afirmação o termo “mãe-geladeira”, que se tornou perene na mente do público e, consecutivamente, duas gerações de crianças autistas foram internadas em instituições e submetidas a punições severas, aprisionamento e "tratamentos" experimentais brutais. Até os anos 1980, o autismo era considerado distúrbio adquirido por influência do ambiente.

Após muitas pesquisas, não existiram provas que pudessem sustentar as afirmações de Kanner, e hoje, de acordo com o Dr. Dráuzio Varella (2014) os pesquisadores têm novas teorias, teorias estas que dizem que o autismo está 90% relacionada aos fatores genéticos, sobrando assim apenas 10% para as influências do ambiente. Nos dias atuais, pesquisas dizem que o autismo é o distúrbio de neurodesenvolvimento em que a herança genética desempenha papel mais

importante. Porém, é crucial lembrar que não cabe a biologia dizer o destino final, pois o ambiente muda as expressões dos genes e deficiências do desenvolvimento podem ser contornadas ou corrigidas com o aprendizado.

Apesar de não ter cura, existe um tratamento para o TEA, tratamento que serve para melhorar a comunicação, a concentração e diminuir os movimentos repetitivos, melhorando assim a qualidade de vida do próprio autista e também da sua família. E para que o tratamento seja eficaz, é necessária uma equipe composta por médico, fisioterapeuta, psicoterapeuta, terapeuta ocupacional e fonoaudiólogo, pois eles indicarão terapias específicas para cada paciente, que muitas vezes devem ser feitas por toda a vida.

1.4 RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA

Família e escola são pontos de apoio e sustentação ao ser humano, são marcos de referência existencial. Quanto melhor for a parceria entre ambas, mais positivos e significativos serão os resultados na formação do sujeito. Portanto, após analisarmos família e escola fica visível que os alunos com os pais mais participativos têm um desenvolvimento melhor do que aqueles no qual os pais pouco frequentam. A troca de experiência entre família e escola favorece ainda mais o desenvolvimento da criança. Como diz, Tiba (1996, p19) “É na família que a criança adquire seus primeiros ensinamentos e é fundamental, pois é ela quem vai ensinar as regras de convivência em sociedade e seus valores”.

A importância que a família tem na participação escolar da criança está relacionada na contribuição da formação do desenvolvimento educacional do filho. A família precisa mostrar interesse, valorizar o que o aluno produz. Estudos mostram e podemos perceber no dia a dia do trabalho do professor, quando há um apoio, uma atenção direcionada a necessidade de cada criança a aprendizagem acontece de forma mais assertiva, Oliveira (2002).

Uma boa relação entre a família e a escola deve estar presente em qualquer trabalho educativo que tenha como principal alvo, o aluno. A escola deve exercer sua função educativa junto aos pais, discutindo, informando e orientando sobre os mais variados assuntos, para que em reciprocidade escola e família possam proporcionar um bom desempenho escolar e social às crianças. Marchesi (2004) nos diz que a

educação não é uma tarefa que a escola possa realizar sozinha sem a cooperação de outras instituições e, a nosso ver, a família é a instituição que mais perto se encontra da escola.

A família, além de acompanhar todo esse processo, também deve adotar práticas diárias que facilitem a evolução da criança com TEA. Para seu desenvolvimento acontecer da melhor forma possível, a criança precisa de diversos estímulos. As terapias são importantes, porém esse trabalho deve ter continuidade em casa e fazer parte da rotina para um melhor desenvolvimento.

1.5 A ESCOLA NO PROCESSO DE INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA

É muito importante que uma criança com transtorno do espectro autista - TEA esteja inserida dentro de um contexto escolar, principalmente pela questão de interação social, porque quando se fala em autismo uma das características está relacionada com a dificuldade da criança ter uma troca com o outro, a questão do contato visual, a questão de perceber a outra pessoa como parceiro para brincar.

O quanto antes essa criança puder ser inserida em uma educação regular, de fato é muito importante e faz uma grande diferença em todos os aspectos do desenvolvimento.

RAMOS e FARIAS (2011, p.17) discorrem que:

Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a integrar a proposta pedagógica da escola regular, promovendo o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades.

Para garantir o acesso da criança com o TEA ao ensino regular as mesmas oportunidades oferecidas às crianças sem necessidades especiais, para que isso ocorra, o professor deve inserir ao processo educativo os apoios necessários para promover o aprendizado e convívio desta criança de acordo com parâmetros legais.

Para que a educação de crianças com o TEA tenha resultados positivos, faz-se necessário que a forma de ensinar seja preparada para lidar com a diversidade que há em sala de aula a fim acolher adequadamente as especificidades do aluno com o transtorno. CUNHA (2012, p.100) reforça que “não podemos educar sem atentarmos para o aluno na sua individualidade, no seu papel social na conquista da sua autonomia”.

No processo de inclusão escolar dos estudantes com transtorno do espectro autista é fundamental a articulação entre o ensino comum, os demais serviços e atividades da escola e atendimento educacional especializado - AEE.

O AEE foi instituído pelo inciso 3º, do art.208, da Constituição Federal/1998, como conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos, organizados institucionalmente prestados de forma complementar ou suplementar à escolarização. Portanto, o AEE não substitui o espaço da sala de aula e não possui esta finalidade, ou de tornar-se uma sala de reforço, e é um agente que contribui para o processo de escolarização, suplementando-o, produzindo materiais didáticos e pedagógicos de acordo com a necessidade apresentada pelo aluno. Seu foco reside na aquisição de autonomia e independência do aluno na escola e na Vida cotidiana.

O atendimento educacional especializado deve ser oferecido no contra turno da criança, na sala de recurso da escola em que está matriculada, em escolas próximas ou em centros especializados.

1.6 A FAMÍLIA NO PROCESSO DE INCLUSÃO DA CRIANÇA COM AUTISMO

Receber o diagnóstico de qualquer doença, síndrome ou transtorno que perdurará pelo resto da vida de um indivíduo é impactante para qualquer família. Com o autismo não é diferente. Quando os pais recebem esse diagnóstico muitos passam por uma espécie de luto, apresentando decepção por meio de choro ou, até mesmo de negação, tendo em vista a imagem formada pelo filho idealizado.

O primeiro passo para vencer a insegurança é buscar informações para entender sobre o TEA. Revistas, sites e diversos materiais especializados podem ser o contato inicial com o universo autista, mas o ideal é buscar ajuda de profissionais especializados, já que esses profissionais são mais competentes para esclarecer as dúvidas e orientar a família. “É imprescindível que a família faça acompanhamento com o psicólogo para entender a nova maneira de viver, esclarecer os medos, sentimento de culpa e aceitar esse novo desafio em família”.

A família é considerada a primeira relação social, uma vez que é ela quem apresenta o mundo ao pequeno. Por isso, trata-se de um local de socialização que influencia todo o seu desenvolvimento. Assim:

A família do aluno especial é a principal responsável pelas ações do seu filho com necessidades especiais, visto que é ela quem lhe oferece a primeira integração/inclusão escola, o aluno com apoio dos profissionais e da família, poderá adquirir competências ainda maiores, se tiver um envolvimento como “parceria” (TANAKA, 2010, p.115)

Muitos estereótipos permanecem na sociedade e, geralmente, a situação é causada pela falta de conhecimento das pessoas. Para combatê-los, órgãos e instituições oferecem auxílio como: educação, lazer e especialidades na área da saúde, para os indivíduos com a condição e seus familiares. Algumas instituições de apoio ao TEA:

ABRA - Associação Brasileira de Autismo. Entidade sem fins lucrativos, atende os cuidadores e indivíduos com TEA.

AMA - Associação de Amigos do Autista. Oferece apoio às pessoas com o distúrbio com espaços para lazer e educação, favorecendo o desenvolvimento e sua independência.

APAE Brasil – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. A federação nacional dos APAES desenvolve trabalhos que englobam as áreas da saúde, educação e capacitação e garantias dos direitos dos indivíduos com necessidades especiais, incluindo o TEA.

Para que a pessoa com o quadro não vivencie uma experiência de exclusão, é importante que os responsáveis por ambientes como o lar e a escola sejam harmoniosos e adotem uma postura de compreensão para com o sujeito. A família, além de acompanhar todo esse processo, também deve adotar práticas diárias que facilitem a evolução do autista. Para seu desenvolvimento acontecer da melhor forma possível, a criança precisa de diversos estímulos.

2. METODOLOGIA

2.1 O QUE É METODOLOGIA?

Segundo MINAYO (1994, p.16) afirma que “é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. Desta forma compreendemos a metodologia, como etapas de um caminho a ser percorrido para a compreensão de um determinado fenômeno. Contempla a fase exploratória e de estabelecimento de estratégias; que juntamente com o arcabouço teórico, potencializarão a pesquisa.

2.2 ABORDAGEM

Este capítulo busca mostrar o caminho percorrido para a realização da pesquisa. Esta subdividido nas etapas a seguir: O que é metodologia; Universo da pesquisa; Técnicas utilizadas na coleta de dados; procedimentos (Levantamento bibliográficos, levantamento documental, Entrevista e Observação direta).

A metodologia desta pesquisa buscou atender o objetivo geral proposto, ou seja, analisar a importância da família no processo de aprendizagem da criança com transtorno do espectro autista- TEA e como a escola contribui para esta aproximação.

É uma pesquisa de método qualitativo, tendo em vista que proporciona uma relação dialógica entre o objeto e o pesquisador. A pesquisa qualitativa proporciona uma relação direta entre pesquisador e o objeto de estudo, buscando conhecer o fenômeno sob o olhar dos sujeitos participantes da pesquisa.

Sendo assim:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (GODOY, 1995, p.21)

Portanto, a pesquisa qualitativa trata daquilo que não pode ser mensurável, tendo em vista seu caráter exploratório. Pois se apropria da realidade e do sujeito que nela está inserido para retratar um problema levando em considerações aspectos tidos como relevantes, como as opiniões e comentários dos sujeitos entrevistados.

2.3 UNIVERSO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal da rede pública de Manaus, situada na zona sul da cidade. A instituição oferece a comunidade o ensino fundamental aos anos iniciais 1º ao 5º ano. Atendendo aproximadamente 605 (seiscentos e cinco) alunos totalizando os turnos matutino e vespertino.

A escola trabalha com uma clientela de classe média baixa. É mantida pela prefeitura de Manaus/SEMED, com material escolar, merenda escolar, material de expediente, materiais esportivos, materiais limpeza e fardamento escolar.

A referida unidade escolar possui 10 (dez) salas de aula, sala de telecentro, sala de recursos multifuncionais, sala dos professores, sala da gestora, secretaria, biblioteca, refeitório, auditório, depósito de merenda escolar e 7 (sete) banheiros.

Quanto ao quadro de funcionários, é composto por 35 (trinta e cinco) pessoas, dentre as quais 18 (dezoito) formam o corpo docente, 2 (duas) professores readaptados, atuando fora da sala de aula, 1 (uma) gestora, 1 (uma) pedagoga, e as demais compõem a área administrativas.

A escola recebe alunos com necessidades educacionais especiais, possui uma professora de Atendimento Educacional Especializado – AEE e dispõe de uma sala de recursos equipada com variedades de jogos, materiais de apoio pedagógicos, revistas, entre outros utilizados para realizar o atendimento destes alunos.

2.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Como técnicas para coleta de dados foram utilizados observação participante, entrevista com diferentes sujeitos e aplicação de um questionário contendo 5 (cinco) perguntas.

GIL (1999, p.113) conceitua observação participante como o “envolvimento real do pesquisador no conhecimento de vida da comunidade, do grupo ou da situação determinada”, assumindo, de certa forma, o papel de membro do grupo.

Dessa forma, a observação constitui-se a partir da interação com os sujeitos envolvidos, tanto na sala de aula quanto fora dela. Um caminho constituído por meio também da participação nas atividades da escola. Essa interação foi constituída lentamente e com muito cuidado, valendo-se de anotações em diário de campo,

registro por meio de fotografia das atividades curriculares e questionário para recolha das respostas.

2.5 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

De acordo com CHIZZOTI (2006): “a coleta de dados utiliza uma variedade de estratégias e diversas técnicas, a partir de observações participantes e contextualizada e de anotações feitas em campo com objetivo de fazer uma descrição interpretativa de modo de vida da cultura e da vida do grupo social pesquisado”.

Para realização do presente trabalho, foram realizados um levantamento bibliográfico em livros, revistas, artigos e sites referentes ao tema transtorno do Espectro Autista, Educação especial, Educação Inclusiva e a Importância da família no processo de aprendizagem. Neste contexto, a discussão apresentada está baseada em SILVA (2012), MAZZOTA (2005) MENDES (2006) entre outros autores.

2.6 LEVANTAMENTO DOCUMENTAL

Foram consultados documentos como lista de presença das reuniões de pais e mestres, onde foi comprovado que há uma grande ausência desse envolvimento dos pais na vida dos filhos, pois, conforme (CARVALHO, 2000), para a escola, os pais se envolvem e participam na educação de seus filhos quando comparecem à reuniões de pais e mestres, se comunicam com a escola, acompanham os deveres de casa e estão sempre atentos quanto às notas, e tal envolvimento pode ser espontâneo ou incentivado pela escola.

Conforme nos foi informado o Projeto Político Pedagógico - PPP da escola encontra-se em fase de construção e teve em seu primeiro momento o envolvimento da comunidade e na elaboração vem sendo se tecendo com o corpo técnico e docente para a fundamentação teórica. Sendo que o projeto político Pedagógico segundo VASCONCELOS (2002, p.169): Pode ser entendido como a sistematização, nunca definida, de um processo que se aperfeiçoa e se concretiza na caminhada, que define claramente o tipo de ação educativa que se quer realizar.

Segundo GADOTTI e BARCELOS (1993), “o Projeto Político Pedagógico é um permanente processo de discussão das práticas, das preocupações (individuais e coletivas), dos obstáculos aos propósitos da escola e da educação e de seus

pressupostos de atuação”. Deste modo, a escola não pretende considerar o PPP enquanto trabalho acabado, mas sim contínuo e reflexivo, capaz de ser modificado de acordo com as necessidades individuais e coletivas de todos que fazem parte da escola, buscando assim o aperfeiçoamento da prática educativa, a participação e envolvimento da família e a incansável luta por uma educação de qualidade.

Por ocasião tanto da reformulação do projeto Pedagógico como da sua execução e avaliação, os pais são convidados a participarem, a presença dos mesmos é baixa das metas traçadas para o envolvimento dos pais na realização das atividades escolares.

A direção da escola juntamente com todos os profissionais que nela atuam, realiza reuniões com os pais e responsáveis pelos alunos, pois acredita que ao informar as famílias sobre o calendário anual, as atividades que poderão ser desenvolvidas, as regras no que se refere à boa convivência, ao Horário de Entrada e Saída, Higiene Pessoal, as Datas Comemorativas e dos Itens Transversais a serem trabalhados durante o ano, pretende deixar claro a todos que o âmbito escolar também é regido por normas.

Algumas ações que constam no calendário anual da escola que busca a participação da família e a comunidade no ambiente escolar.

- Reuniões de pais;
- Início e término dos bimestres;
- Realização de desfile cívicos
- Festas alusivas ao dia das mães, dos pais, festas juninas e canto de Natal.

2.7 ENTREVISTA

A entrevista consiste na relação e interação entre quem pergunta e quem responde, permitindo a apreensão imediata da informação desejada. (LUDKE e ANDRE, 1986). Esse instrumento auxiliou na obtenção de um diálogo ativo entre uma professora de uma turma do 3º ano do ensino fundamental, uma professora do AEE e a mãe de um aluno com TEA.

Identificação dos sujeitos participantes:

Sujeitos	Sexo	Idade	Formação
Professora regente (A)	F	35	Graduação em Pedagogia
Professora do AEE (B)	F	55	Especialização em educação infantil
Mãe do aluno (C)	F	41	Ensino Médio

Quadro 01 Fonte: Dados coletados durante pesquisa de campo - 2018**2.8 OBSERVAÇÃO DIRETA**

A observação foi desenvolvida em um período de 6 (seis) meses do ano de 2018, em uma escola municipal da zona sul de Manaus. Acerca dessa técnica MARCONI e LAKATOS (2010, p.173) vem dizer: “A observação direta é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utilizar os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não é apenas perceber, mas analisar os fatos”.

Durante as observações foi notório perceber que a escola oferece subsídios para que haja participação da família, além das reuniões, fazem festas, mas falta mais interesses por parte da família na vida escolar de seus filhos. Uns afirmam não terem tempo, outros não mostram nenhum interesse. (Palavras da pedagoga da escola). Segundo Di Santo (2006), “a família tem passado para a escola a responsabilidade de instruir e educar seus filhos inserindo-os na sociedade”.

Nossas observações deram-se mais precisamente na turma do 3º ano do ensino fundamental, onde verificou-se que a professora da turma observada, apesar ter clareza acerca do tema autismo, mesmo assim, encontrava dificuldades em relação as crianças com TEA, dentro da sala de aula.

Na sala de recurso a professora do AEE, buscava pesquisar experiências de colegas que deram certo, trocar ideias e informações com a direção e a coordenação. Recebia os alunos com carinho e confiança, incentivava o aluno com necessidades especiais a despertar a criatividade e o interesse em aprender. A professora da sala de recursos tinha uma parceria com a família das crianças com TEA, onde era notório um melhor desempenho em seu aprendizado.

3. RESULTADOS

Neste capítulo foram abordadas entrevistas realizadas através da análise da visão da professora do 3º ano do ensino fundamental (A), da professora do AEE (B) e da mãe de um aluno com TEA (C). Tentaremos expor suas respostas e assim chegar, finalmente ao resultado esperado deste trabalho. Constantemente minhas opiniões será vista, sendo que a partir do material colhido com as professoras e mãe do aluno com TEA, exporemos enquanto pesquisadores, as análises feitas perante a coleta de dados.

3.1. COMPREENSÃO DOS PROFESSORES SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

A – Para mim, ainda é um pouco complexo compreender o conceito na prática, pois cada aluno tem características diferentes uns dos outros, no entanto entendo que é uma criança com habilidade de interação social limitada que exigem certos cuidados a lhe darmos com ela.

B - Autismo é um distúrbio neurológico que não tem cura, tem como características a dificuldade de comunicar-se e conviver com o outro, por estes motivos precisa de várias áreas para ajudar na convivência como outro.

Quadro 02 Fonte: Dados coletados durante a pesquisa de campo – 2018

Com relação a compreensão do Transtorno do espectro autista - TEA, de acordo com as repostas das professoras, souberam definir um conceito dentro do seu conhecimento.

Para SILVA (2012), o autismo é classificado como um transtorno invasivo do desenvolvimento que engloba sérias dificuldades ao longo da vida nas habilidades sociais e comunicativas, caracterizando um atraso global do desenvolvimento.

ORRÚ (2009, p.1) comenta que “é imprescindível que o educador e qualquer profissional que trabalhe junto com autismo seja um conhecedor da síndrome e de suas características inerentes”.

Caracterizado por suas singularidades, o TEA se manifesta de forma diferente em cada um dos sujeitos. Contudo, para que as habilidades do indivíduo sejam

desenvolvidas da melhor forma, o recomendado é que uma mesma postura seja adotada para os diversos graus do quadro: um acompanhamento com especialista e família, respeitando as especificidades e necessidades de cada caso.

É saliente dizer que os professores precisam ter um conhecimento mais aprofundado acerca do transtorno do espectro autista, pois com certeza irá facilitar seu desempenho em sala de aula em relação a esses alunos.

3.2. AS PRÁTICAS DE ENSINO DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO AOS ALUNOS COM TEA NA ESCOLA.

A- No caso do aluno Zeus (nome fictício da criança autista), são diferenciadas, pois ele ainda não lê, então as atividades são de nível de alfabetização, mesmo ele estando no 3º ano.

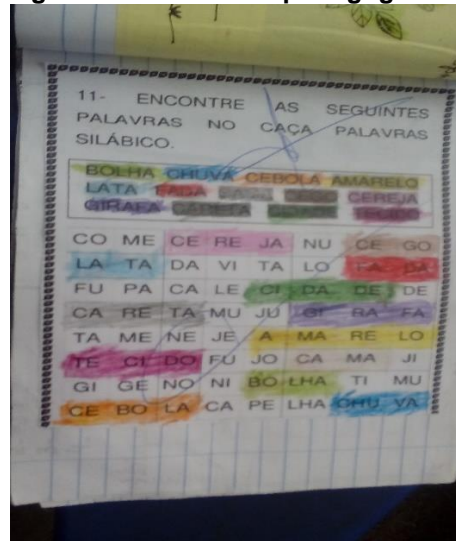
B- Cada caso é um caso as atividades são desenvolvidas de acordo com as habilidades do mesmo. Mas no geral são jogos, coordenação motora grossa e fina, leitura de histórias infantis, pinturas, modelagem, produção de brinquedos e jogos com sucatas.

Quadro 03 Fonte: Dados coletados durante a pesquisa de campo – 2018

Trabalhar com crianças com TEA é um desafio, assim como trabalhar com qualquer criança, porque todas elas trazem suas particularidades diferentes e têm seus próprios tempo de aprendizagem.

Durante as vivências na sala de aula do 3º ano, pudemos perceber que as aulas ministradas pela professora A, constatou-se que a mesma não dispunha de um plano de aula específico que contemplasse as necessidades especiais de Zeus, assim, em sala de aula a professora utilizava, constantemente, atividades impressas que eram afixados ao caderno. Como mostra a figura abaixo:

Figura 01 – Atividade pedagógica impressa



Fonte: Andrade, A - 2018

As atividades que foram desenvolvidas pela professora A, eram repetitivas e na maioria das vezes o aluno tinha que colorir as sílabas.

No contexto do ensino inclusivo, como afirma MANTOAN (2015, p. 74):

As atividades precisam ser desafiadoras para estimular os alunos a realizá-las, segundo seus níveis de compreensão e desempenho. Portanto, não se excluirá nenhum aluno das atividades nem serão oferecidas a alguns (os que sabem menos) atividades adaptadas, facilitadas. Toda atividade deverá suscitar exploração, descoberta, com base nas possibilidades e nos interesses dos alunos, que optarem por desenvolvê-las em pequenos grupos ou por si mesmos.

Ao ser questionada o porquê de o livro didático ser diferente dos demais, ou seja, ano inferior (1º ano), ela relatou que o aluno não conseguia acompanhar as atividades proposta ao resto da turma, e que a escolha do livro se deu juntamente com a mãe do aluno.

Em alguns momentos de aulas distintas nos deparamos com o aluno Zeus sentado na cadeira no fundo da sala brincando com alguns objetos como mostra a figura 02, enquanto os demais alunos respondiam uma determinada atividade com respostas escritas. A partir das observações é possível verificar que os processos inclusivos ainda precisam se efetivar na prática.

Figura 02 – Aluno Zeus brincando.



Fonte: Andrade, A - 2018

A imagem acima nos mostra a vivência desta criança autista dentro da sala de aula. Muitas vezes a professora ignora a presença deste aluno, não incluindo o mesmo nas atividades em grupo, se a criança está “quietinha”, consegue ficar “sentadinha” isso que importava. Notamos por parte da professora A, uma grande preocupação voltada para o comportamento da criança e nenhuma preocupação referente ao conteúdo didático planejado para ensinar.

Durante as observações na sala de recursos, constatamos que a professora B, tinha um plano de atendimento e seus registros eram todos anotados em um relatório, tudo bem organizado. Como compreendemos as atividades trabalhadas eram organizadas e realizadas a partir das necessidades de cada aluno. Observou-se que a professora B tinha um ótimo relacionamento com as mães dos alunos, trocavam informações e algumas vezes as mães eram convidadas a participar das atividades pedagógicas, como por exemplo: Jogo de dominó ilustrado com figuras de animais.

Contudo, a Resolução nº 4/2009 (BRASIL, 2009, p.2) prioriza em seu artigo 9º que:

A elaboração e a execução do plano do AEE são de competências dos professores que atuam na sala de recursos multifuncionais ou centro de AEE, em articulação com os demais professores do ensino regular, com a participação das famílias e em interface com os demais serviços setoriais da saúde, da assistência social, entre outros necessários ao atendimento.

Constatamos que, os dias de atendimentos observados, no caso duas vezes na semana durante duas horas, a professora B seguia uma sequência de atividades

de escrita, leituras, jogos, leituras de histórias, recorte e colagem, além das brincadeiras pedagógicas utilizando materiais recicláveis como tampinhas de garrafas e outros.

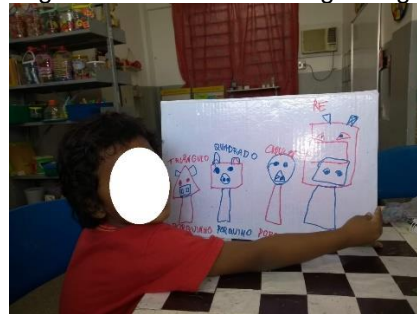
Mostraremos nas figuras 03 e 04 a seguir a participação em uma das aulas ministradas pela professora B na sala de recursos, no caso, a historinha dos três porquinhos, onde depois de contada tivemos que fazer montagem e colagem da família dos porquinhos.

Figura 03 – Montagem e colagem dos 3 (três) porquinhos



Fonte: Andrade, A – 2018

Figura 04 – Desenhos e figuras geométricas



Fonte: Andrade, A – 2018

Na figura 03, a professora utilizou materiais concretos, cada personagem seguia uma forma geométrica, como forma de revisão da atividade anterior (a história dos três porquinhos), os desenhos representaram cada um dos personagens e o quarto desenho representava a criança.

FONSECA (1998) descreve que é preciso adequar o conteúdo ao estilo cognitivo apresentado pela pessoa com TEA. E caso seja necessário, adequar o conteúdo verbal para não verbal, abstrato para concreto.

O aluno com TEA gostou tanto que depois de montar e colar, ele desenhou os porquinhos na cartolina e escreveu o nome das formas geométricas representadas no desenho como vista na figura 04.

3.3. A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ATIVIDADES DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA).

Mãe de um aluno com TEA - Sim. Mesmo com resistências dele, mas acaba fazendo e no final fica feliz.
--

Quadro 04 Fonte: dados coletados durante a pesquisa de campo – 2018

Conforme as respostas da mãe podemos afirmar que família tem um papel fundamental, principalmente na aceitação, na disposição em acompanhar o aluno com TEA em parceria com o professor. Quando a família auxilia esse aluno, respeitando o tempo dele, a maneira dele aprender, a aprendizagem se torna possível. O papel é auxiliar nos desafios que surgem mostrando que ele tem condições de avançar, de superar as dificuldades.

Sabemos que a família é o pilar na vida de toda criança, que os primeiros passos, as primeiras palavras, o caminho que elas vão seguir são traçados nos primeiros anos pelos seus pais. Contudo sua participação no processo de aprendizagem é um compromisso, por meio do qual assume a responsabilidade de assegurar o apoio necessário, acompanhando e orientando-os nas atividades para que ocorra uma aprendizagem significativa. Segundo ZAGURY (2002, p.175). Nessa perspectiva a família tem um papel de extrema relevância na aprendizagem da criança, pois está fortemente ligada ao papel da escola.

A família juntamente com a escola precisa buscar alternativas e atendimentos que suplementem e contemplem a formação do aluno com TEA, além de auxiliar a prática do professor.

Na turma observada, constatamos que a participação da família é mínima no cotidiano das aulas, pois como já foi citado anteriormente a professora A não possui um planejamento específico voltado para o aluno com TEA, a mesma segue as atividades do livro didático e atividades impressas da internet, não havendo nenhuma atividade lúdica ou que inclua a participação da família dentro da sala de aula.

“A mãe do aluno Zeus, devido problemas pessoais quase não comparece na escola, sempre algum outro membro da família deixa e busca o aluno no final da aula por isso não tem como desenvolver atividades que envolva os pais. Até mesmo as atividades para casa voltam todas do jeito que foram”. (Palavras da professora A).

Pudemos constatar pela fala da professora, que a família de Zeus não é participativa nas atividades e isso torna ainda mais difícil vencer os desafios em sala de aula. A família tem um papel fundamental, principalmente na aceitação, na disposição em acompanhar o aluno, em parceria com a professora, mostrando que ele tem condições de avançar, de superar as dificuldades.

Segundo FREDDO:

A escola precisa tornar-se sensível as histórias familiares de seus alunos, para de forma responsável, juntamente com os pais, buscar a resolução para as dificuldades cotidianas e, assim, propiciar a criança a conquista de sua autoconfiança, que lhe oportunizará, o sucesso social no futuro. Quando a escola consegue transformar os pais ou responsáveis em parceiros, em especial os da criança com TEA, inevitavelmente, promove uma melhora no desempenho do aluno. (FREDDO, 2004, p.171).

3.4. A INTEGRAÇÃO DA FAMÍLIA DE ALUNOS COM TEA NA ESCOLA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES.

A inclusão de alunos com TEA é desafiadora, uma vez que, as salas de aula são superlotadas, o espaço se torna pequeno, às vezes ele não se adapta com muita facilidade. Não quer aceitar os comandos de imediato, ele tem uma rotina, tem a vida dele, o professor não é professor apenas dele, tem outros 36 alunos na sala de aula para dar conta. Nesse momento de inclusão a família é de total importância, pois nem sempre o aluno quer ficar até o final da aula, quer realizar atividades que envolva a escrita, pois é muito visual, a didática é outra. Até ele se habituar, entender que existem normas, regras leva um tempo. Por isso o papel relevante da família.

A escola observada demonstrou vários desafios para que a família seja participativa no ambiente escolar, através de diversos momentos, onde as famílias são convidadas a participar como: festas alusivas ao dia das mães, pais, reuniões no final de cada bimestre para entrega do boletim escolar, feira cultural, festa junina e festa de final de ano.

Percebeu-se que a escola de várias formas faz sua parte convidando à família a virem à escola, mas infelizmente são poucos as que participam como mostrou a lista de presença assinaladas pelos responsáveis. LOPEZ (2009) comenta que os pais têm o direito e o dever de participar na escola porque são responsáveis legais e naturais

pela educação de seus filhos, mas também representam a sociedade receptora da ação escolar. Se não se concretizar tal participação da família na escola, não se pode alcançar uma educação coordenada e eficaz dos filhos.

Sugerimos algumas possibilidades a qual a escola poderia ajustar horários com os pais para que estes possam participar das atividades desenvolvidas na escola, possam está disponibilizando materiais e orientações que possam suprir as necessidades das famílias do aluno com TEA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo em questão mostrou que as dificuldades que se apresentam quando o assunto é a inclusão de crianças com TEA, voltam-se principalmente a interação social e a dificuldade de comunicação verbal, situação que acaba se agravando quando não há uma parceria entre os profissionais da educação e a família.

Na pesquisa achamos relevante o conhecimento sobre Educação Especial, Educação Inclusiva e sobre o autismo e a importância para o professor que venha trabalhar com alunos com TEA em sua sala de aula. Por isso, abordamos os primeiros estudos e pesquisas realizadas, conceitos, diagnósticos e outros aspectos da síndrome, além de destacar a importância de família no processo de aprendizagem da criança com TEA.

De acordo com as informações levantadas durante a pesquisa, constata-se que quanto maior for a relação entre família e escola, melhor serão os resultados atingidos pelo aluno com TEA. Para isso, é preciso o empenho de ambos, não basta só a escola desenvolver estratégias para que os pais se envolvam mais na vida acadêmica dos filhos, é preciso que haja interesse dos pais, que assumam seu verdadeiro papel como responsáveis e se comprometam verdadeiramente na educação de seus filhos. Segundo os autores, quando os pais se mostram interessados em acompanhar os filhos na escola, a criança percebe desde cedo a importância do aprendizado para sua vida futura, e com isso surge, a valorização do interesse em aprender, como também o respeito sobre aqueles que fazem parte desse processo de educar.

Respondendo ao objetivo geral deste trabalho, observou-se, que a escola com todas suas dificuldades faz a sua parte, atua de forma democrática com seus envolvidos, além de cumprir o seu papel de ensinar, educa para a vida e a cidadania, transmitindo os valores indispensáveis para a formação do indivíduo. Sendo assim, percebemos que o que falta mesmo é um esforço maior daqueles que julgam não ter tempo de participar mais a fundo da vida escolar dos filhos. Seja por conta da correria do dia a dia, o estresse causado pela rotina em cuidar de uma criança autista ou problemas pessoais, como foi relatado pela mãe do aluno.

Os resultados sinalizam o quão é importante a participação da família no processo de inclusão do aluno com transtorno do espectro autista, pois quando a família participa ativamente das atividades escolares é notório um desenvolvimento

significativo. Pais que participam do cotidiano escolar do aluno autista, normalmente está disposto a ajudar o professor a vencer os desafios em sala de aula, adotando medidas complementares em casa, tornando uma melhora no desempenho do aluno.

Finalizando, esperamos que este estudo possa, de algum modo, contribuir para melhor compreensão a respeito do quadro do transtorno espectro autista, por parte da família e educadores. Acreditamos, ter contribuído para gerar novos debates e pesquisas que possam favorecer uma prática educativa mais eficiente e propor a garantia de participação e aprendizagem de todos os alunos com TEA nas escolas.

REFERÊNCIAS

BELISÁRIO, J. F. Filho; CUNHA, Patrícia. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**: transtornos globais do desenvolvimento. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

BRASIL, **Declaração Mundial sobre Educação para Todos**. UNESCO, 1990.

_____, Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Secretaria de Educação Especial: MEC, SEESP, 2001.

_____, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

_____, Ministério da Educação. **Programa de Implantação de Sala de Recursos Multifuncionais**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pnpd/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/17430-programa-implantacao-de-sala-de-recursos-multifuncionais-novo/>. Acesso em: 05 agosto de 2018.

_____, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Lei nº 7.853**, de 24 de outubro de 1989.

_____, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: MEC/SEESP, 2001.

_____, Lei Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**; e altera o § 3º do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília: Casa Civil. 2012. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011. Acesso em: 06 agosto de 2018.

_____, Ministério da Educação. **Plano de Desenvolvimento da Educação**: razões, princípios e programas. Brasília: MEC, 2007.

CARVALHO, M. E. P. **Relações entre família e escola e suas implicações de gênero**. Cadernos de pesquisas, n.110, 2000.

CUNHA, E. **Autismo na escola**: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – idéias e práticas pedagógicas. 2ª ed. RJ: Wak Editora, 2013.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Sobre os Princípios, Políticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Espanha, 10 junho, 1994. Disponível em: portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/Salamanca.pdf. Acesso em: 26 de julho de 2018

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. Atlas. São Paulo: 2010.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63 Mar/Abr. 1995.

<http://drauziovarella.com.br/crianca-2/tea-transtorno-do-espectro-autista-ii/>

LÓPEZ, I Sarramona. **Educação na família e na escola: o que é, como se faz**. 2.ed. São Paulo: Editora Loyola, 2009.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANTOAN, M.T.E. **Inclusão escolar – O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Editora Moderna, 2006.

MARCONI, Mariana de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Fundamento de Metodologia Científica**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MAZZOTA, M. J. da S. **Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1996.

_____, M. J. da S. **Trabalho docente e formação de professores de educação especial**. São Paulo: EPU, 1993.

_____, M. J. da S. **Fundamentos da educação especial**. São Paulo: Pioneira, 1982.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

ORRÚ, E. S. **Autismo, linguagem e educação: Interação social no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

ZAGURRY, Tânia. **O professor refém: para pais e professores entenderem porque fracassa a educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Record 2006.